

DIÁRIO DO PIAUHY

Orgão Official dos Poderes do Estado

ANNO IV

Assinaturas
Anno Semestre 15\$000
8\$000

THEREZINA, domingo, 5 de abril de 1914.

Redacção e officinas Praça Rio Branco n. 37

VENDA AVULSA
Numero do dia 100
Numero atrasado 200

N.º 78

O CULTO DOS MORTOS

(Conferencia realizada na Loja Caridade 24, na sessão extraordinária de 25 de fevereiro, ultimo)

CONSOLO AMARGO

Martos e mortos, tudo vai passando,
Tudo pelas atempadas do tempo...
Descendo ao tremido eterno, infante,
Martos e mortos a um sinistro bando.

Todos tramulos vão finalizando,
Para os gelados tumulos partindo,
Descendo ao tremido eterno, infante,
Martos e mortos a um sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,
Pulverulento e nebuloso
Como num sonho, num fatal lethargo.

Mas a quem chora os mortos, entretanto,
O Esquecimento vem e enxuga o pranto.
E é esse apenas o consolo amargo!

Cruz e Souza.

Minhas senhoras;

Meus senhores:

O meu primeiro proposito era fazer uma conferencia no dia dos mortos (2 de novembro), especialmente destinada á memoria dos nossos irmãos falecidos. Ser-me-ia impossível nomeal-os todos desde o inicio desta Augusta Loja, pois perdemos todo o arquivo da sua primeira phase. Foi ella creada em 1854, logo depois da fundação de Theresina. A ordem numerica do seu nome parece indicar que ella succedeu a uma outra existente em Oeiras, homonyma. Funcionou durante muitos annos, em a nova capital; depois mudou columnas até o dia 2 de maio de 1896, quando recommençou os seus trabalhos. Durante o tempo, em que esteve adormecida, foi sempre representada pelo benemerito irmão rosa-cruz Benjamin José Teixeira, a quem deve o seu renascimento. Foram seus companheiros: José dos Santos e Silva, Antonio Francisco Ribeiro, Jeremias José da Silva e Mello, Leopoldino Rogo, Alvaro de Assis Oastro Mendes, José de Castro Lima, Antonio Marques da Costa, Arlindo Correia Lima e Coriolano de Castro Lima. Benjamin Teixeira falleceu pouco depois, em 8 de junho de 1897.

Aproveito o dia de hoje, que é tambem funebre, porque symbolisa a maldição do primeiro homem, base da religião christã. Jehovah creou o par edénico no goso da innocencia e da immortalidade, e lançou-o num paraizo de delicias, dando-lhe o direito de usufruir-as com uma unica excepção. Satanaz achou que a excepção era odiosa e absurda, e induziu Eva á desobediencia. Dahl proveio todavia a perdição do genero humano. A sentença divina conculhiu, referindo-se a Adão: *emento, homo, quia pulvis es et in pulverem revertaris*, palavras que o sacerdote pronuncia, marcando com cinza a fronte dos fieis, inculcando o principio e o fim de todos os seres — a Morte.

A Morte é a certeza suprema, imposta aos seres organicos pela fatalidade da sua propria natureza. Muitos a têm affrontado na guerra, nas epidemias e nos suicidios; mitos della têm zombado como Voltaire, o eterno demolidor que exhortava Mme. de Delfand a gosar, tanto quanto pudesse, a vida, que é pouca coisa, sem temer a morte, que não é coisa algu-

ma, e escrevia a seu amigo Thiriot:

Me moquant de sul sot orgueil,
Toujours un pied dans le corvul.
Et de l'autre faisant des gambades.

E' conhecida a melancolia que respira a poesia gnomica de um Solon, de um Theognis, declarando a morte preferivel á vida e considerando felizes os que não nascem ou que morrem cedo. Nada disso conseguiu, nem conseguirá já mais emborot o coração humano diante do grande enigma tumular. A vontade de viver ou o instinto de conservação faz-nos tremer á idéa da um aniquilamento final e obriga-nos a sonhar com um mundo superior, onde possamos rever os entes queridos. «O horror á morte e ás potencias que della dispõem — diz Weber — a procura incessante da vida e de tudo que póde conserval-a, tal é precisamente a essencia da religião, o traço característico do phenomeno religioso.» (1)

Embora os astrónomos tenham estudado pacientemente o sol por meio de instrumentos adequados, embora alguns homens não façam caso e até zombem do somno derradeiro, estas excepções não infirmam, antes confirmam, a regra geral contida nesta poesia de La Rochefoucauld: «Nemo sol, nem a morte pódem ser encarados fixamente.» E' loucura revoltar-se contra uma lei irrevogavel da natureza — ensina a razão philosophica; — mas o coração, como diz Pascal, tem razões que a razão não comprehende. Ninguém póde ficar impassivel diante do cadáver de uma pessoa amiga. A terrivel separação e a consciencia da nossa nihilidade dilaceram-nos a alma e suggerem-nos a visão de uma vida, prolongamento desta, onde possamos encontrar aqueles que nos são caros, cuja perda momentanea lamentamos. Eis ahí o fundamento, a cellula germinal de todas as religiões. Este sentimento se ha modificado com o correr dos séculos. Porém nam o criticismo do século XVIII, nem o desenvolvimento scientifico do século XIX conseguiram desarraigal-o completamente da alma da maior parte da humanidade, estiolando-lhe a doirada flor da phantasia.

A morte é, na realidade, a cessação da vida, a parada do jogo de construção e destruição dos elementos moleculares, que constitue a vida do individuo, o retorno deste á circulação da materia mineral. Demos a palavra ao grande sabio E. Haeckel: «Todas as formas individuais da substancia estão emlemnadas á destruição. Assim succederá ao sol e aos planetas como aos organismos que povoad a terra; assim succederá á bactéria, como succede ao homem. Assim como cada individuo organico teve um começo, assim caminha sem cessar e sem retrocesso para um fim iniludível. A vida e a morte são inseparáveis.» (2) Esta

(1) *Philosophie européenne*, 1883, pag. 12.
(2) *Maravilhas da vida*, trad. port., cap. V.

é a linguagem implacavel da sciencia; mas o sentimento religioso reage vigorosamente contra o aniquilamento pessoal desde os selvagens primitivos até aos povos mais civilizados. O culto dos mortos é o mais antigo do mundo. Praticaram-no os mais grosseiros troglodytas como os mais antigos arianos, os persas, os chaldeus, os gregos, os romanos, os incas, os aztequos, os chins, os europeus, os incolos brasileiros, emfim todos os povos, por toda a parte. Delle se têm occupado innumerables escriptores, salientando a importancia inconstatavel. Fustel de Coulanges attribue-lhe a origem e o fundamento de todas as instituições politicas e sociais da raça indoeuropea, especialmente da Grecia e de Roma. H. Spencer vai mais longe com Tylor, que faz zombem derivar da adoração dos mortos todas as religiões.

Póde-se definir a religião, dizendo que ella é o temor que nos faz experimentar os dispensadores reaes ou imaginarios da vida e da morte; objectivamente: o conjunto das idéas, doutrinas e instituições nascidas desse sentimento. Esta definição ajusta-se perfeitamente ás observações de pensadores profundos e imparciaes. O sentimento religioso é um mixto de elementos complexos, mas constituido sobretudo pelo sentimento de dependencia a respeito de tudo que cerca o homem, o temor das potencias da natureza, inclusive a alma humana, o desejo de conciliar seus favores, offerecendo-lhes presentes o humilhações ante ellas.

Como disse um poeta latino, o medo que faz os deuses: *Primum in orbe Deos fecit timor*. Com o desenvolvimento da espirito humano, a civilização póde ter augmentado o cabedal primitivo, ajuntando-lhe outros elementos mais sublis e complexos, como o amor do Creador e das suas creaturas, o reconhecimento dos deveres para com Deus, admiração da ordem universal da natureza, o desejo de conhecer o desconhecido, a idéa de que o mundo e os seres que o habitam são puras illusões, manifestações transitórias da divindade. Mas, na essencia de todas essas manifestações, encontra-se invariavelmente o elemento basico, o extracto primitivo, isto é, o medo, e a consciencia da nossa pequenez, deante de forças ou phenomenos superiores.

Tem-se querido fazer da religiosidade um característico do homem, para distingui-lo dos outros animaes. No entanto, Carlos Darwin, o maior sabio do século XIX, descobriu as suas raizes no cerebro dos cães e dos macacos, especialmente no amor profundo que tem o cão ao seu dono, amor, a que se juntam uma submissão completa, um pouco de temor e, talvez, outros sentimentos. O professor Breubach chega mesmo a admitir que o cão considera o seu dono como um Deus. Quanto mais estudamos os cães, melhor conhecemos os homens.

Nudus in nuda humo, tal o estado em que apparece o homem, quando se desprezou das faixas similesas, levantado o porte, differeenciando as mãos como instrumentos de apprehensão e adquirindo o uso da linguagem articulada com o consequente desenvolvimento das facultades cerebraes. Nô, fraco e inerma, via por toda a parte

forças naturaes assombrosas e especies de animaes muito melhor aparelhados para a lucta brutal pela existencia. Divinizou-as, enquanto se ia aperfeiçoando para subjugal-as e dominal-as com o poder de uma intelligencia superior. Dahi a origem do principio *divino*, que ainda hoje explica o fundamento de todas as religiões.

«Assim, ainda que muitos povos — diz G. Le Bon — não tenham nenhuma idéa da divindade, todos possuem creenças religiosas pela simples razão de que todos têm alguma coisa que esperar ou temer.» (3)

O culto dos mortos é uma das manifestações mais geras desse sentimento primitivo, como passo a demonstrar.

Um phenomeno da vida diaria deu origem á idéa da alma e da sua sobrevivencia: o sonho. Dormindo, o selvagem sonha que sobe montanhas, faz caçadas, pesca e vê a companhia vivos ou mortos, com quem n' fala ou lucta.

Acordando, acha-se no mesmo lugar em que adormeceu, e unção explica rudimentarmente o phenomeno pela existencia de dois seres constituindo a sua personalidade: o corpo, que fica em repouso, e a alma, que delle se afastou por algum tempo para voltar á sua morada, ao acordar. O estado de catalepsia, a morte apparente, o echo, e a sombra vieram corroborar aquella idéa simplista. (4)

Ora, nada mais natural do que suppór que, na morte, esse mesmo ser interior que abandona o corpo por algum tempo ou mesmo para sempre. Tylor serviu-se da palavra *phantasma* para exprimir o reconhecimento, em todas as raças humanas, da alma como entidade distincta. Ha diversas especies de almas: a dos, a dos individuos semelhantes a nós, as dos mineras, animaes, astros, e as dos seres puramente espirituas de toda ordem até ás divindades poderosas.

A concepção da natureza deste segundo eu, deste *phantasma* persistente através dos séculos, tem variado muito, desde a alma material dos selvagens, de muitos philosophos antigos e dos primeiros padres da igreja, passando pela alma espiritual dos escolasticos e de Descartes até á alma-espirito, immanente á materia, modalidades da dynamic universal espiritualismo concreto de Werber e de Luiz Noirée.

Eis como Tylor explica a concepção do homem primitivo, que serviu de germen a todas as outras que lhe succederam: «A materia ou a substancia da alma-phantasma é uma especie de vapor ou de sombra, impalpavel e invisivel, salvo nas occasiões particulares em que ella se manifesta no sonho ou na visião; ella exerce um poder physico; semelha-se á pessoa a que pertence e mostra-se coberta de vestuario; póde não somente deixar o corpo, mas tambem lançar-se rapidamente de um lugar á outro, sem que a distancia lhe sirva de obstaculo, póde apposar-se dos corpos d'outros homens ou de animaes, e agir com esses corpos. Necessariamente a alma é o principio da vida e de toda a actividade mental do individuo a que ella pertence primitivamente.» (5) O seu poder é imenso. Como conciliar

os mortos para obter os seus favores ou evitar os seus danos? Pelos unicos meios que a experiencia ensinou para conciliarmos os favores dos vivos: *as oblatas e as presentes*. Eis ahí a base psychologica do *evigrossamento*.

Deste principio humilimo nasceu o culto dos mortos, e o colu-do no correr dos séculos até chegar á pompa deslumbrante dos pagodes hindús e dos templos catholicos.

Colloavam sobre o tumulo dos mortos as suas armas, alimentos e objectos de vestuario. Aos poderosos fallecidos a offrenda devia estar na altura dos herbes divinizados. Si era um grande guerreiro, inumolavam-se-lhe milhares de subditos para lhe fazerem cortejo triumphal na vida de além-tumulo. No Dahomey, colonia franceza na Africa, este costume revestia-se de uma ferocidade pavorosa. A morte do rei era seguida de uma solennidade que durava muitos dias, sacrificando-se milhares de victimas no meio de grande regosio popular.

Na occasião da morte de um Inca no Perú, fazia-se parecer sobre o seu tumulo um grande numero de mulheres e de homemas; muitas virgens do templo do Soleram inmoladas para formar a corte do defuncto. No Mexico, os sacrificios hun an s dnda eram mais pavorosos. Muitos povos inmolavam sobre o tumulo do morto suas mulheres e seus escravos. Segundo Homero, Achilles, os estrangeiros, nos funeraes de Patroclo, prisioneiros trojanos com os cavallos e os cães de seu amigo.

O christianismo, que alguns ethnologos têm querido fillar no antigo mytho solar dos arianos, é, intrinseca e extrinsecamente uma religião da Morte. O Deus filho com a sua corte de santos e anjos não é mais do que o espirito de um Morto illustre reinando sobre humilides vassallos, que, no entanto, têm o poder de interceder em favor dos vivos. Cada santo tem a sua função especial; cada crente tem os seus santos predilectos. E, para não destoar das praticas primitivas, o christianismo inmolou feticheiros e hereses *ad majorem Dei gloriam*. As fogueiras da inquisição não têm outro sentido historico. Foram sacrificios humanos, com pompas deslumbrantes, para conquistar a graça de um lugar na corte do céu. A proposito, Gustavo Le Bon faz as considerações seguintes: «Os devotos dirão que foi para o bem das almas das victimas sacrificadas, e que essas sacrificios foram feitos ao Deus verdadeiro. Mas continua o autor citado — não ha salvagem que não tenha o direito de invocar, em apoio de suas supplicções, razões exactamente semelhantes. Não vejo nenhuma distincção séria entre a ferocidade de uns e a de outros. E' que o homem fanatizado pelo sentimento religioso torna-se verdadeiramente um animal perigoso, e, si como dizem as religiões, Deus nos creou á sua imagem, isto dá uma tristissima idéa d'esse creador.» (6)

E' sobretudo no culto dos mortos, especialmente dos mortos illustres, que se deve procurar a origem da maior parte das divindades da Grecia e de Roma. Christo revolucionou a outra vida, dando ingresso nella a's humilides, aos desprotegidos da fortuna e mesmo aos

(3) *L'Homme et les Sociétés*, vol. II, pag. 320.

(4) Vide H. Spencer, *Essais sur le Progrès*, pag. 86.

(5) *La Civilisation Primitive*, vol. pag. 5.

escravos, com exclusão dos ricos e poderosos. Por isso, a sua predica foi, durante os primeiros seculos da era vulgar, a religião dos pobres de espiritos, dos sedentos de justiça, que dedicaram o Mestre, o bacuro filho de um carpinteiro. Depois, tal se transformou em beneficio dos magnates exploradores do povo ignorante, que paga sempre a quem o sabe explorar.

Os selvagens começaram por estabelecer o facto de que os homens possuem uma alma; em seguida por analogia attribuíram a mesma propriedade aos animais, ás plantas, e ás pedras. Todos os seres foram assim dotados de um espirito, que poderia sobreviver á propria morte. Não ha natureza inanimada. O homem é a medida de todas as coisas: sentimentos humanos são emprestados á agua, á arvore, ao rio, ao rochedo. Aos olhos do homem primitivo ou ignorante a morte não passa de um accidente, um abalo, que imprime á existencia um novo curso. Um vapor, uma sombra, um sopro, um espirito, alguma coisa que se desprende do corpo inerte e essa coisa é o eu consciente do individuo, que reconhece então uma nova existencia, mais ou menos caçada sobre a antiga. Tratam com o morto como si fosse um vivo: falam com elle, chamam n'ó, lavam-n'ó, escovam n'ó, barbeiam n'ó, vestem-n'ó, enfeitam-n'ó. Puntam o seu rosto; fornecem-lhe armas, alimento e fogo. A morte não é mais do que um longo sono. Mas, como os mortos continuam a viver, é preciso fornecer-lhes o necessario a vida. Dahi o culto das almas dos enteados, os *pitris* dos aryaes e dos hindus, os *hebes* dos gregos, os *manes* ou *laras* dos latinos (*sacra*), permitindo muitas vezes reconhecer o parentesco dos seus descendentes vivos. Essas almas não podiam ficar insepultas, sob pena de se tornarem malevolas. Ha completa uniformidade quanto ás ceremonias que acompanham a sepultura, ao passo que ha numerosas variações quanto ao modo da sepultura. Ora enterram o cadáver dentro da propria casa, ora o vão sepultar fora, mais ou menos perto, ora o expõem á voracidade das feras e aves de rapina. Não as guerras e as grandes epopéias conduziram os homens ao uso da cremação. Não podendo fazer um estudo mais amplo dos costumes de todos os povos, peço permissão para citar duas paginas da *História do Brasil* de Rocha Penteado.

Uma prova irrecusavel fez o designe historiador patríoticamente que o culto dos antepassados constitua, entre os nossos selvagens, todo o fundamento da existencia moral, decorre da sociedade e com que autoriza um dos mortos. Logo que confermo expirava, as pessoas da

familia prorompiam em lamentações ruidosas, com grandes prantos e lamurias. E era estranho: durante a enfermidade, pouco se importavam com o paciente, continuando a vida ordinaria, ou mesmo, sem suspender as suas folganças, a celebrar as festas da tribo, numa absoluta indifferença pelos sofrimentos do enfermo. Assim que este deixava de existir, barrem, explodia a alma do barbaço como em subita tormenta: a *taba* em peso entregava-se a excessos de dor que commoventam o proprio coração dos aventureiros brancos. Mesmo no momento de expirar, os parentes se atiravam á rede do moribundo, e em tanta furia o desahellamento que chegavam ás vezes a suffocar-o, apressando-lhe a morte. Os mais intimos abraçam-se ao corpo, doitados com este na mesma rede ou junto desta, si são muitos. E parecem tão desvairados e com tanto estovamento dão signaes de pena e de afflicção, fazendo gestos de desespero, lançando-se ao solo com tal estrondo — que é para admirar não se magoem e até que não *peabem* com o morto. E no meio de todo este delirio, dizem phrases destacadas de carinho e elasticas pungentes com aquelle que deixou de existir. Isto fazem por longo tempo, ás vezes toda uma noite, si o desolacão fatal se deu ao anoitecer. E curiosa a hierarchia que observam nos funeraes. O simples homem commum é chorado pelos da sua familia. O guerreiro, segundo a fama em que é tido, recebe honras da *taba* ou da tribo, ou mesmo de muitas tribus si é um grande chefe. Logo que fallece um homem notavel, saem arautos pela vizinhança a levar a todos os guerreiros a festejar a morte, e os amigos e parentes no mesmo instante commoçam a prantear-o e partem para a *taba*, onde se acha o defunto, enchendo de alaridos os camuhes. O morto fica em deposito na *ocera*, por alguns dias. Quando chegado o dia marcado para o enterro, a *taba* está cheia de povo, em grande alvoroço e consternação. O defunto é lavado primeiro, e depois o *antam* de mel e cobrem-lhe todo o corpo de pastas de algodão ou de pennas. A cabeça é mettida num grande *porcuago*, e o corpo, dobrado, e na posição de quem está de cócoras, é posto num pote enorme (*igacaba*). Junto do morto assim preparado, no meio da *ocera*, collocam-lhe as armas e as coisas que em vida mais amou. Em seguida, enfeitam-se os parentes e os heróes que ficam compañeros do morto, ou, si é um grande chefe, todos os chefes de *tabas* reunidos para a solennidade de fanebre. Em algumas tribus, tingem-se todos de preto a si mesmos e as proprias armas e os *maracás*. Antes de conduzi-rem a urna funeraria para a

urna onde tem de ficar, celebram a seguinte cerimonia: aquellas fi. uras negras entram, compungidas e fazendo gestos mysteriosos, tendo á frente os mais veneraveis dos *carayabas*, e vão postar-se em circulo em torno do defunto. Começam então a proferir longos discursos, commemorando os actos mais brilhantes e as mais extraordinarias faganhas do morto. Durante estas interminaveis arengas, enquanto o *carayaba* fala, prantem os guerreiros e por fora do resinto anda a celexma geral da nação. Depois, fazem os *carayabas* umas ceremonias do seu ritual e que consistem nuns exorcismos com que esconjuram os maus espiritos. Levam affidado ler, em uma formosa e nitida *film*, das que semanalmente exhibe esta sympathica folha, uma opportuna referencia ás honrosas visitas, ultimamente feitas ao nosso paiz, por H-nri Turot, Clemenceau, Jean Jaurés, Paul Adams, Guilherme Ferréro, Enrico Ferri e muitos outros estrangeiros de notavel destaque em seus paizes.

Não são, apenas, vultos dos mais eminentes na sciencia, nas letras e na politica de outras nações, que procuram, hoje, conhecer de perto as maravilhas e o progresso desse formoso pedaço do continente americano.

Não ha muito vimos apontar ao Rio o, hyate em que viajavam um grupo selecto de millionarios americanos, representantes genuinos do adiantado commercio da grande nação yankee.

São, agora, altos representantes da industria americana que visitam o nosso paiz, trazendo o intuito de estreitar cada vez mais as nossas relações com os Estados Unidos. Referimo-nos á grande commissão da Illinois Manufacturer's Association, que se empenha em estabelecer o *open door* ao intercambio commercial entre os paizes americanos, e as relações cordiaes, tanto de caracter social como de caracter individual, entre os povos da America do Sul e os povos da America do Norte.

E enquanto se dilatam, por esta forma, as nossas relações internacionaes, os itinerantes illustres, que nos têm visitado, proclamam, lá fora, no livro, nas conferencias e na imprensa, a exuberancia das nossas riquezas naturaes, a belleza inexcusable da capital do nosso paiz, o nosso progresso e o nosso desenvolvimento.

Agora mesmo atravessa o interior do Brazil, compensando-se dos perigos e dos incom-

modos da grande travessia com o prazer das paisagens novas e luxuriantes dos dilatados sertões de Matto-Grosso, o notavel estadista americano Theodoro Roosevelt, ex-presidente da grande nação do norte.

A proporção que nos visita e vai conhecendo, de perto, a riqueza sem fim que a natureza nos legou, ao mesmo tempo que o trabalho e a acção, a energia e o vigor da nossa nacionalidade, o illustre *touriste* americano vai expondo para além das nossas fronteiras toda a impressão gratissima que deixa ao estrangeiro uma visita ao Brazil.

O coronel Rondon, o incansavel protector dos indios e destemido viajor das nossas selvas, tem, segundo leio em um telegramma que dirigiu ao Presidente da Republica, encontrado na pessoa do sr. Theodoro Roosevelt, apesar da idade, uma notavel resistencia e uma disposição bem pouco commum para vencer os tropeços e as fadigas de uma jornada tão longa e tão cheia de riscos.

Continuem os filhos deste formoso e vasto Brazil a elevar-lhe o nome á altura a que attingiu na conferencia de Haya, ao mesmo tempo que proclamam continuamente os estrangeiros illustres, que nos visitam, o nosso progresso e a nossa riqueza, e dentro em breve tereamos um Brazil admirado e conhecido fóra das suas fronteiras, para além dos Andes e para além do mar.

H. C.

Entrelinhas

Não ha muitos dias nos foi dado ler, em uma formosa e nitida *film*, das que semanalmente exhibe esta sympathica folha, uma opportuna referencia ás honrosas visitas, ultimamente feitas ao nosso paiz, por H-nri Turot, Clemenceau, Jean Jaurés, Paul Adams, Guilherme Ferréro, Enrico Ferri e muitos outros estrangeiros de notavel destaque em seus paizes.

Não são, apenas, vultos dos mais eminentes na sciencia, nas letras e na politica de outras nações, que procuram, hoje, conhecer de perto as maravilhas e o progresso desse formoso pedaço do continente americano.

Não ha muito vimos apontar ao Rio o, hyate em que viajavam um grupo selecto de millionarios americanos, representantes genuinos do adiantado commercio da grande nação yankee.

São, agora, altos representantes da industria americana que visitam o nosso paiz, trazendo o intuito de estreitar cada vez mais as nossas relações com os Estados Unidos. Referimo-nos á grande commissão da Illinois Manufacturer's Association, que se empenha em estabelecer o *open door* ao intercambio commercial entre os paizes americanos, e as relações cordiaes, tanto de caracter social como de caracter individual, entre os povos da America do Sul e os povos da America do Norte.

E enquanto se dilatam, por esta forma, as nossas relações internacionaes, os itinerantes illustres, que nos têm visitado, proclamam, lá fora, no livro, nas conferencias e na imprensa, a exuberancia das nossas riquezas naturaes, a belleza inexcusable da capital do nosso paiz, o nosso progresso e o nosso desenvolvimento.

Agora mesmo atravessa o interior do Brazil, compensando-se dos perigos e dos incom-

(7) História do Brasil, vol II, pag. 928 e 929.

L. C.

Impressões

A impunidade com que, em todos os Estados do Brazil, no regimen republicano, se têm coroados os mais hediondos crimes, vai dando motivo a que estes se reproduzam e até se multipliquem de anno para anno. Ao abrimos um jornal qualquer de qualquer das cidades mais importantes da nossa ainda joven republica, depara-se-nos a descripção minuciosa e lugubre de uma scena de sangue revestida de circumstancias que devem despertar em todos os corações bem formados o mais vivo sentimento de revolta. Os chamados delictos *passionaes* então avultam de uma maneira assombrosa!

Um individuo qualquer, dotado de mãos instinctos, de catranhas de fera, julgando que se deve tornar o heroe d'um drama de amor e *celebrar-se* por isso, sob o mais fatul pretexto, arma-se de um punhal ou de um revolver e atira-se

Dr. J. HÉRICOURT

OS TRISTAS E SEUS MANDAMENTOS DA HIGIENE

Vendidos da 3.ª edição franceza por

J. C.

VIGÉSSIMO QUARTO MANDAMENTO Pesa continuamente teus filhos

A creança é caracterizada pelo crescimento: si ella passa bem, deve regular e constantemente augmentar de peso. Pesala, e pesala sempre: é, pois, o melhor modo de saber si ella passa bem.

A balança é o barometro da saude. Damos em seguida a medida do augmento quotidiano do peso d'uma creança bem alimentada e de boa saude:

25 grammas durante	o 1.º mez
23 " " " "	" 2.º " "
22 " " " "	" 3.º " "
20 " " " "	" 4.º " "
18 " " " "	" 5.º " "
17 " " " "	" 6.º " "
15 " " " "	" 7.º " "
13 " " " "	" 8.º " "
12 " " " "	" 9.º " "
10 " " " "	" 10.º " "
9 " " " "	" 11.º " "

7 grammas durante o 12.º mez. Mas não é preciso pesar somente as creanças de peito. De tres em tres mezes pelo menos, as creanças de toda idade e os adolescentes deveriam igualmente passar pela balança. Porque ha uma doença que, nas grandes cidades, os ameaça a todos: é a tuberculose, e a primeira perturbação pela qual se manifesta a invasão do mal, é a parada do augmento de peso, ou o emmagrecimento.

Como o menino, quanto ao mais, pode conservar a apparencia da saude, é indispensavel desviar assim o mal insidioso, pois é tanto mais facil combatel-o quanto mais perto se está do seu começo. As mais das vezes é preciso, para conter o mal, dar ao doente repouso e uma alimentação conveniente.

VIGÉSSIMO QUINTO MANDAMENTO

Faze de sorte que os teus filhos doentes não communicem a outros as suas doenças

Quasi todas as doenças das creanças são doenças contagiosas: o sarampo, a escarlatina, as paperas a diptheria, a coqueluche, e quasi todas commoçam por perturbações que attribuímos a principio a um simples resfriamento e que consiste num cattharro, numa inflammação mais ou menos viva das mucosas das vias superiores: garganta, laringe ou conjunctivas oculares.

Ora, acontece que é nesta fase, de algum modo indifferente, das doenças, quando não estão ainda caracterisadas, que, pelo contrario, ellas são principalmente contagiosas.

Pelo menos é isto verdade quanto ao sarampo, á escarlatina e á coqueluche. Donde a necessidade e o dever, desde essas primeiras perturbações, das quaes não sabemos o que resultará, de isolar os meninos em casa e sobretudo de cessar de os mandar á escola ou a todas as reuniões infantis.

Quantos pais tem committido verdadeiros crimes levando seus filhos atacados de coqueluche, por exemplo, aos jardins publicos sob pretexto de lhe fazer tomar ares! Quantos não sabem resistir ao pedido d'um pouco convalescente de sarampo, e, para não causar-lhe desgosto o conduzem ao baile de meninos ha muito promettido. Quantos não hesitam em transportar nas carruagens publicas, nos caminhos de ferro, nos omnibus, crianças contagiosas, com o maior perigo para estas e para os vizinhos!

Cada infracção á prescripção do bom senso e da honestidade que constitue esta fraqueza dos paes é a origem d'uma pequena epidemia local muitas, vezes capaz de se estender muito — e cujas victimas são as vezes numerosas; e são estes habitos de culpa indifferença, ou de egoismo criminoso que perpetua as epidemias.

(Continúa)

contra a pobre victima, descuidosa e inerte, certo de que o jury abrir-lhe-á as portas da prisão, restituindo-o á liberdade e dando-lhe o aspirado nome!

São bem recentes ainda o caso do assassinato no hotel Crystal do indito bacharel Raul Malheiros pela professora Albertina Barbosa e seu esposo, que depois de dois ou tres julgamentos, gosam da sua liberdade; e do assassinato do grande e saudoso Euclides da Cunha pelos irmãos Dilermando e Dinorah de Assiz, e o de um illustre medico do Rio de Janeiro pelo academico Lacerda, que, enuorçado da viuva Benzanilla, viu um rival na pessoa daquelle.

Tambem deve perdurar na memoria de todos o quadro sangrento de que foi theatro o Recife, em a noite de 7 de setembro de 1908, Maria Eufrozina, gentil menina de 12 annos de idade, no momento em que regressava do passeio e subia as escadas da casa paterna, fóra ali apunhalada por um joven de 14 annos, que se emboscára sob essa escada e bruscamente a assassinára, assim procedendo porque julgava não ser por ella correspondido no amor que lhe d'zia votar!

E' tambem de pouco tempo o caso occorrido em Nictieroy: o poeta João Barreto assassina a tiros de revolver a sua propria esposa, digna e virtuosa! Ainda ha poucos dias tivemos de tratar de o ident e, isto é, do assassinato de uma esposa meiga e dedicada, levado a effeito pelo proprio esposo, um official do exercito, que, ainda em plena liberdade, continuára a troçar a justiça, escarneçando da sociedade em cujo seio perennice!

Mesmo em nosso Estado, occorreu em Parahyba o caso da infeliz professora Kelvina de Albuquerque.

Ainda nesta semana um dos jornaes de Thierozia estampou um telegramma da capital bahiana, transmitindo-nos a noticia emjeunante de ter o engenheiro Navarro de Andrade, ali, assassinado a sua esposa a tiros de revolver!

Effeitos da impunidade! Estes ultimos casos, terio, no seu julgamento, o mesmo resultado dos anteriores, nos quaes, talvez com uma ou outra excepção, tem predominado sempre a sentença absolutória, escandalisando a justiça! E muitas vezes, para se tornar mais saliente o despulor, procura-se ainda conferir um premio a todos os que concorrerem para tamanha desmoralisação. E' de hontem o exemplo de ter sido distinguido com uma cadeira em alta corte de justiça de um dos nossos estados o juiz que funcionou num processo, seão *passional*, ao menos *sensacional* e que terminou com a escandalosa absolvição dos réus!

Pois bem; a essa serie interminavel de crimes que dizem ter por movel o amor veio agora juntar-se mais um, occorrido na bella avenida Rio Branco, da grande metropole brasileira, no momento em que a alma popular vibrava de enthusiasmo, glorificando a deus da folia! Nesse momento, um individuo, approximando-se de um grupo de senhoras, ergueu o braço e desfechoo cinco tiros de pistoia contra a senhorita Albertina Ferreira Gonçalves, uma joven de 19 annos de idade, que, ali assistia o folguedo carnavalesco, e alegre brincava tambem. Ella presenteara a approximação do seu ex-noivo, que sem dizer palavra, descartegou contra

ella a arma, matando-a, e cujos projectis foram ainda attingir outra senhorita, prima daquelle.

Florencano é o nome do assassino, a quem (dizem os jornaes) o povo pretendeu linchar, o que se não verificou por ter a policia chegado a tempo de evitar o attentado.

E foi na repartição do 5.º districto policial que esse individuo se revelou um criminoso cynico, procurando com subterfugios revoltantes, confundir a acção da autoridade.

Mis, não podia deixar da assim acontecer desde que por esta lhe foi dispensada uma benevolencia extraordinaria, uma gentileza excessiva que se tornou digna de censuras.

E elle, o criminoso, que já deve conhecer a proverbial generosidade do jury brasileiro, conta que mais uma vez ella se evidencie, absolvendo-o! E haverá quem ponha em duvida semelhante resultado? Prevendo-o tendo-o mesmo como certo, foi que um parente da victima, no auge da sua dor, exclamára:

«A justiça deve ser feita pelos que são feridos com a perda dos entes caros».

F. C. B.

Films

Mais uma grande lição Diz-se e não sem uma solida base de observação e experiencia, que os povos latinos, em alta dóce, a illusão da liberdade e da igualdade,—formulas theoreticas que os impellem em aos mais perigosos extremos e aos mais d'modados e heroicos lances. Liberdade é ardente e flameante juze sol,—sempre a entontecer a conturbar os espiritos. Igualdade! delicioso soaço, dóce e dourado nome das Jardins das Hesperidas,— sempre a desmanbrar e a tentar os homens.

Mas se assim acontece por um lado, por outro nenhum povo civilizado, como o latino, preoccupa-se tanto, na pratica, com os privilegios, com as hierarchias sociais e com esses titulos que estabelecem distincção de classes. E ao mes no tempo, nenhum outro, como ella, age no sentido de ser menos livre. Fanatico da equaldade, nas Republicas quer ao menos os titulos de coade do papa; ama apaixonadamente as condecorações e, tudo emfim, que faça qualquer distincção ou determine alguma superioridade de classe. Possuido de febril exoitação ante a ideia de liberdade, com o mesmo ardor com que apedeja, está sempre prompto a acclamir todos os Cesares. Vivendo sob instituições republicanas ou monarchicas, o seu governo é o centralizador e aquelle em que se deve exigir o menos possível da iniciativa do cidadão. E adapta-se perfeitamente no jugo da qualquer Cesar, que lhe conheça o fraço e lhe saiba douar os grilhões com a illusão da liberdade.

Nós brasileiros, latinos pelos laços, ethnologicos por educação, não nos desviamos da regra geral. Somos o mes no povo idealista e vaidoso, oavaherico e o amante da rethorica, sempre prompto a as pronunciaçoes, ás revoltas e aos mais condemnaves excessos, em nome da liberdade, mas tambem sem firmeza de vontade, sem iniciativa e sem as condições de capacidade para exorotarmos bem as instituições livres.

Na monarchia andámos quietos, á salvo das competições e da vertigem do poder e do mando. Mas fomos a Republica e o nosso idealismo levou-nos, bruscamente, da centralizaçao monarchica-parlamentar, ao regimen livre da fadoração presidencial. E iniciou-se, então, um perloio sanguinolento de revoltas, de agitações politicas, até que um os ooryphous do federalis-

mo, quando na presidencia da Republica, applicou o remedio que nos convinha, iniciando a politica que se ehamou dos governadores. Com ella, vieram as oligarchias estaduais e o paiz entrou novamente a destruetar a preceia calma. Boas ou más, tinhamos garantidos a ordem, a paz, o progresso. Mas, não tardou a campanha anti-oligarchica algumas das antigas oligarchias nortistas já sentiam-se mal ante a opinião publica, quando, no actual quadriennio presidencial, se entendeu de liquidar-as a ferro e fogo. Não esperou-se pelos naturais effeitos d'uma campanha pacifica de que resultasse a evolução dos costumes politicos. Ao contrario, aproveitando a circumstancia de ser militar o presidente da Republica, nas fileiras do exercito as opposições foram buscar os seus candidatos, que por sua vez, lançando mão da força, dos meios violentos, derribaram, em nome da liberdade e á guisa de regeneração republicana, situações que dem. nos annos dominavam nos estados. Ensiou-se, então, a politica que, passando ao dominio da historia com o nome de politica de salvagão, para cada estado tinha de antemão determinado um salvador agalado. Pernambuco, Bahia, Alagoas Ceará receberam os seus. E já outros estados corriam imminente perigo destes salvadores pelos mesmos processos, quando um brasileiro eminente, guarda avançada das instituições republicanas, conhecendo o abysmo a que, por uma falsa visão de liberdade, se arrastava a Republica, conteve a onda impetuosa da militarização, pela força incontestavel do seu prestigio e de sua sagacidade rara de politico inexcedível.

Mas, de posse dos governos de quatro importantes estados da federação e ambicionando a direcção suprema dos destinos do paiz que queriam militarizar, os salvadores triunfantes fizeram entre si alianças politicas, no intuito de remover os obstaculos á sua politica absorvente. E passaram então, a assistir o desenvolver d'uma politica egrotista, de archoço, de assassinatos, de empastellamentos de jornaes de violencia, de perseguções revoltantes ao adversario. Era o regimen do *Ordo morre*. E neste salientou-se especialmente o Ceará. O salvador cearense, que sahio do desenfameamento da população de Fortaleza, capitaneada por audaciosos chefes e sequiosos de desmandados, uma vez no poder, não sente ou não tem a energia precisa para conter os desagrugamentos e violencias, que passaram a dar á terra gloriosa de José de Alencar um aspecto horrivel de terror. Contra o adversario politico, a logica em açção era a da bala, da dynamite, do incendio do empastellamento. E então, a situação tornou-se dolorosa em todo estado, de modo que até mesmo intranzigentes opposicionistas em outros tempos, começaram a sentir saudades da dominação da valha e pacifica oligarchia acolyta.

O resultado de tantos abusos, de tamanhas desordens, foi o que se viu. A revolta rebelou na zona do Cariry e de lá, triunphante, veio ter ás portas da capital cearense. E o salvador intruzido, imposto pela força, por ella tambem viu-se na contingencia de deixar o posto a que o levaram os excessos proprios do nosso povo, sempre que se lhe aenem com turbantados e enganadoras promissas de liberdade.

Comegou, então, a *ronache* e com ella a queda dos *salva dores*, hoje mais repellidos pela opinião nacional do que as velhas oligarchias, eliminadas á ferro e fogo. E o mesmo isto, mais uma grande lição ficou ao povo brasileiro e é que a evolução politica e a regeneração dos costumes politicos não se obtém pela força, pelos meios violentos das pronunciaçoes de des revolta, porque a verdadeira liberdade não existe dentro da

BRAÇOS

Braços,—obra de amor preciosa e rara, Que, sendo assim esplendida e moderna, Certo foi feita, como as rosas, para Gloria suprema da belleza eterna.

Jamais algum artista cinzelara, Com tal pureza luminosa e terna, Braços, em cuja fórma ideal e clara Haja um prodigio assim de arte superna.

Braços—mimos de plastica, modelos De perfeição! Quem não quizera tel-os Com tão formosa correcção de traços?...

Si a propria Venus esses braços visse, Dar-se-ia por feliz, si os possuísse, Ella, coitada, que não possue braços...

Antonio Chaves.

ordem e de conformidade com a lei. Fora d'ahi, só a anarchia, que conduziria á ditadura, ao despotismo ao regimen das competições, ao abysmo, emfim.

Simplicio Mendes.

A UTILIDADE DO THEATRO

Tradução para o DIARIO DO PIAUHY

Sarah Bernhardt, adoravel artista do palco que tantos applausos há arrancado nos theatros da Europa e do Brasil, realisoú há pouco uma serie de conferencias, em Paris, na *Université des Annales*, arrancando da selecta e numerosa assistencia francos applausos. E' o que nos dizem os jornaes da Athenas moderna, na phrase feliz de Oliveira Martins.

O *Excelsior*, diario parisiense que obedece a direcção sabia de Pierre Laffite, acaba de publicar algumas notas de Sarah Bernhardt sobre o gosto do theatro. Ellas:

«O theatro é um templo no qual os adeptos guardam o fogo sagrado da Arte, a arte sob todas as suas formas: a arte em todas as suas manifestações; a arte, que, com a ciencia, me parecem as duas mais poderosas creações do genio humano.

A arte e a ciencia parecem-me tão necessarias á vida como o ar, a agua, o sol: a ciencia prolonga a vida, e a arte a desdobra e encanta.

Que prazer haveria em viver alguns annos mais, si esses annos não eram centuplicados por nossas faculdades admirativas? A arte dá alegria da vida; a ciencia tira o receio de morrer. A ciencia e a arte são as fontes bemfazejas da existencia humana.

O theatro é necessario. Existe em todos os tempos sob formas differentes.

Do mesmo modo que toda a alma experimenta a necessidade de orar a Deus, assim o espirito tem necessidade de evocar visões e tem o desejo de reviver as legendas dos desaparecidos.

E' preciso procurarmos na mais remota antiguidade para achar os primeiros vestigios do theatro.

E até entre as tribus selvagens, a evocação é uma necessidade. Assisti a uma festa em minha honra por selvagens intractaveis, no Canadá.

Nada mais evocador do que aquella dansa guerreira, com gritos, rugidos, risos dos vencedores, suspiros e estertores dos vencidos, mimicas chacinadores, de soterramento; tudo acompanhado de uma musica horrivel, lugubre, estridente, mas evocadora.

Todos os que assistiam comigo áquella festa selvagem tiveram a visão subita de um conflicto de Europeus e Iroqueses na qual é preciso convir, os europeus eram vencidos, torturados, finalmente massacrados.

Pois bem! aquella mimica selvagem tinha um tal poder, havia uma tal hostilidade na macabra dansa daquelles miseraveis, uma evocação do passado tão proximo ainda, um tal desafio de odio contra nós na observação daquelle bando de selvagens, que a piedade que me inspiravam transformou-se em uma apreciação mais clara, mais leal.

Por tanto odiar, deveriam soffrir tanto!

E o que eu sabia da guert terrivel feita contra elles, piratarias, vexações, promessas violadas por seus vencedores, tudo aquillo se passava em minha presença, e a reivindicación de seu odio me parecia justiça.

Como vedes, eu aprendia na manifestação daquelles desgraçados.

O theatro é o porta-voz mais directo das idéas novas: philosphicas, sociaes, religiosas e moraes.

Este seculo, que parece o tempo das liberdades, nos guardará certamente, muitas surpresas; e é pelo theatro que ellas nos serão apresentadas.

«Não é preciso, diz Victor Hugo, que a multidão saia do theatro sem levar com ella alguma moralidade austera e profunda».

Nenhum dos que escrevem pelo theatro deve esquecer aquelle admiravel conselho.

A multidão deve, abandonando o theatro, soffrir a influencia de um thema no qual poderá discutir.

Toda obra forte faz surgir dissertações.

Daquellas dissertações surgirá a luz, que esclarecerá a verdade.

Estes ultimos annos theatraes deram a vida a tres formas muito differentes: o theatro realista, o theatro-idealista e o theatro religioso.

Quando fallo do theatro realista e realista-idealista, penso nas bellas obras de Brieux e de Dzs Curel.

São obras de força e pensamento.

Brieux nos deu: *Os Benfazeiros*, *Blanchette*, *Avriés la Foi*, *a Robe rouge*, *Mater-nité*, *Rampantés*.

Todas essas obras são pela maior parte obras primas do theatro realista.

Essas obras são cheias de coragem de probidade, de luz. Brieux applica á sociedade com vigorosos golpes. Levanta os véos que roblem as taras fecundantes da hypocrisia, e appella para a humanidade: é um admiravel apostolo.

Não existe uma de suas obras donde não sahisse um ensino. A obra realista idealista é menos directa mas de uma belleza sem igual. *La Fille Sauvage* é, a meu ver, uma obra prima: de uma philosophia dolorosa, mas grandiosa; e vive sempre o coração receioso que essa obra não fosse entendida pela multidão.

De Cúrel cuida pouco disso, segundo parece. Deploro esse modo de pensar, e acho que é uma grande desgraça para a arte dramática um homem como De Cúrel furtar-se á execução precisa para levar uma obra á multidão. Ape como um pregador que escolhesse uma capella em lugar de uma igreja e progressse em latin para persuadir, educar e arrastar seu rebanho.

MARILIA DE DIRCEU

A 9 de Fevereiro de 1841, fazem hoje cincoenta e um annos á minha pessoa, o meu pretado de Antonio Dias recebia um annuo de um cadaver.

Quem vinda á covã, ás pestições biblicas do pó terreno, a sepultura? A octogonaria d. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão.

Nomodelleguemoiã, dos seis paravris e trinta e cinco leiras, sob as quaes viviam sota caracteres immortalmnte juntos: Marilia. A anada de Gonzaga ia dorruir para sempre no tempo, nas proteções do altar, aos pés de Deus!

Marilia! Esta figura constitue delicio so para a nossa historia, tão deserta de mulheres. Firma um covarros pontos entre a poesia e o sonho, de viagem pelo peanent qdramese desdoadante. Marilia!

O amor tem força tyrannica e juvenvel no regencia da natureza humana. E' força tal que chegamos a adorar quanto se adoraram no relampago dos dias, na obra de minutos divinos.

Se o amor corrompe intensamente embalsama como ninguem. Marilia, nome de fleição, suspirado pelos arrabais da Arcadia, existio, existe, existirá vendendo gerações e gerações se puitalas no esquecimento, valla comuun das memorias.

Maria Joaquina Dorothea pouco importa. Não somos colleccionadores de ehyrsalidas. Queremos a borboleta triumphal, resumo atado do arco-iris, expositura moediga de cores em seda de azas.

Desenthamos o nome trivial da mineira. Simples ganga de onde o poeta amoroso desengata o maior solitario da buca nacional, as Lucras fumosas, somerosas e indolosas.

Em Marilia está o soluço do affecto, renovado a cada leitura dos versos de Gonzaga e seguido por uma lagrima.

Ainda agora os lenços a enxugam furtivamente. Mas, o nas nossas vistas.

A Marilia responde Dirceu ou Thomaz Antonio Gonzaga, nascido na Europa, de conjuges brasileiros, estudante em Coimbra, magistrado em Portugal, ouvidor em Villa Rica nos fins do seculo XVIII.

Disseram não é claro de toz, azul de olhos, alegre na conversa, magro no trato, de sorriso de laipalado pelo bon humor.

Confessou-se, num soneto, amigo da ubandade, democrata liso sob as rugas da toga.

Ace hoje no gabinete d'pinto abria. Na sua a todos, como iguenteava.

A vida correu-lhe placida em Minas, colheiro de ouro da metropole. Querido de todos, era recebido de braços abertos nos salares da ouvidoria. Visitava as casas de modistas de cabuina, de campas, de cadornas de bracos e de espalidar, de grandes espelhos e placas douradas pe las paredes, de r-pesteiros pe las portas.

Não carocia Gonzaga do encanto do lar domestico alheio. Apesar de solteiro, tinha agrada da para o jardim. Ah! se con versava amandamente entre o tra-e-trac das pedras, pulando casas no taboleiro do gamão.

A casa, a mesa de Gonzaga eram freaqueadas com liberalidade. Devia abrir o coração. Desceitou o para uma mulher. Foi sienta pelo ouvidor em escripthos de consciencia, mercê de vo-

los fraudados por Cupido, para lhe comprometter o soego.

A eleito chamava-se Maria Joaquina Dorothea. Tinha dezoito annos. A voz do povo proclamara-a bonita e desejavel. Vivya sob o leeto de um tio, o Tenente Coronel ajudante de ordens, João Carlos Xavier da Silva Ferrão.

O parente mandara apronar-lhe a educação. Ajuntara o dote inalienavel do cutivo aos lindos cabedais da mocidade e do donaire, tão espedigaveis.

O magistrado e a moça encontraram-se no terreno neutro da casa do militar. Gostaram um do outro. Gradou entre elles o enlevo, o disluree, a subtiliza de entender propria de sexos oppostos que caminhavam para o libame do beijo nos altares do amor e da especie.

Gonzaga era quarentão. Marilia estrecava a alma na virgindade do bom querer. Suas idéas não estrememas confundiram-se no mesmo desejo de posse mutua.

Namorraram-se. Houve sem duvida entre o poeta outonico e a provinciana vernal os requiebos, os ditihis, os assuaramentos da praxe.

Quando se não olhavam sorriam. Quando se calavam ainda estavam fallando.

Com corteza, apertaram-se as mãos a furto. Trocavam pallavras sem sentido e allusões indirectas para os outros. Ladreses de si mesmos, furtaram-se ternuras. Arrenatavam osculos no beijo platonico dos olhares.

Essas cousas não se provam, nem deixam documentos. Advilhannas outros réos, os do mundo inteiro, eriminosos da mesma culpa.

Existe ainda a casa de Marilia, em Ouro Preto. Tem oito janellas. Se a copia do numero dependese só do numero das janellas, os derrigados do seculo XVIII se não poderiam queixar. Era lieito a Marilia servir-se de todas, passando de uma para outra á medida da approximação ou do afastamento de Gonzaga.

Nesse predio grande, de aspecto nobre, depois pintado de azul, inconsciente symbolo de desventura preterita, o namoro de Thomaz e de Marilia atravessou a ponte penil do noivado. Ia chegar a margem definitiva do matrimonio. Não conseguiu, porém, atravessala por inteiro. Em baixo estava o abyssmo para tragar um e arre-fecer o outro, sem consentir desabrochasse, por inteiro, para sempre, o voto decaessyllabo do poeta:

Amar a Deus no ceo e a terra.

Hoje casa sempre quem quer. Raramente quem deve ou pólo. Out'ora, em geral, casava quem podia. Os entoces eram cercas de precauções. Também é verdade, de abusivas tyrannias domesticas, não raro noctivas e cruéis, oppostas ás levandades de agora permitindo unies a quasi desmamados. Sem circa nem beira, principiando locuos por onde os sensatos pretendem acabar.

C desembargador Gonzaga teve de pedir vema regia para receber em justas nupcias á moça mineira que o condemnara ás prisões do amor, tão lucras em certas occasiões, ao ar livre, quanto as penas soffridas em carcere fechado.

Emquanto esperava o duplo sim, o do throno e o da noiva, ta Gonzaga dilatando a esperança na paciencia, o amor na espera, pairando o tempo em sor feliz. Proximo estava, mas de pairar á tormenta.

Arzadei pólo, os duros muito embora. Cadeias nas bigarras trabalhadas. Com pesados martellos. Eu lieito as minhas deusas mãos atadas. Com duros ferros, não com fios d'ouro. Que são os seus cabellos?

Cadeias, duros ferros, tudo isto havia de vir...

Andavam nessa quadra uns homens pela capitania de Minas ouvindo os versos de palavras vagas de emancipação, de liberdade, vindos da Europa, onde

a França semearia idéas cortando cabeças.

Na capitania havia descontentamentos e descontentes. Taes cousas datam da expulsão de Adão e Eva do paraizo terrestre. Ah! a serpente enroscou a curiosidade da mulher, enrolando para sempre os destinados da progenitora della.

Medravam em Minas muitos abusos e alguns governantes deshonestos, como aquelle senhor Conde de Valladares, que chegado a Lisboa foi obrigado a desembolsar os cruzados dos quaes se apropriara indevidamente.

Tempos retrogrados e obscurantistas nos quaes o Estado forcava os seus mandatarios rapazes a entregar quanto lhes não pertencia.

Ficou assentado: Minas revoltar-se-hia apenas salisse publicada a derrama para a cobrança do quinto do ouro, estendendo-se o motim pelo Rio de Janeiro e por S. Paulo.

Nolle enovellavam Gonzaga. Nolle figuravam amigos seus, como Claudio Manoel da Costa; affilhados, como Correa, o cipeirão-mór de um dosrogrimentos de Villa Rica; os famulos de casa, como Costa Mourão, auxiliar da Contadoria régia.

O governador teve aviso da conspiração. Agio, empunrio o seu dever. So a dor de mulher morta só dura para o marido até a porta, segundo malicioso proverbio, a dor de haver sido derrubado, para qualquer governo, dura até os umbraes do ceo ou do inferno, conforme a qualidade dos governantes.

Gonzaga foi preso. Justamente quando se negava a receber visitas, quando não queria fallar a ninguem, por estar de accordo com os dizers dos outros originaes da Inconfidencia occupado a bordar um vestido que dizia lhe havia de servir talia a oito ou dez dias para o seu casamento.

Ao redor desse vestido tem girado grande controversia. Não levanta poesia. Faz suar eruditos. Segundo uns, pertencia á noiva outros opinam destinal-oa noiva si proprio. Com muito engenho, gosto e senso critico tentou provar-o um estudioso de esol, o sr. Alberto Faria. Modesta e provinciana mente occulto na sua bibliotheca de Campina, não consegue furtar-se ao respeito dos poucos cultores serios e infatigaveis da tradição e da historia.

Um dos que amavam, serviram, sem dispór infelizmente do tempo necessario para corrigir erros de pressa, lapsos de memoria ou mingua do estado das fontes, foi o grande Joaquim Manoel de Macedo, cujo cadeira, na Academia de Lettras, tanto honrou o seu comprovinciano, nacionalista como elle, o saudoso sr. Salvador de Mendonça.

Macedo offereceu ao Instituto Historico, servindo de intermediario a um fazendeiro de Juiz de Fora, o dr. Carneiro, alguns interessantes autographos de Gonzaga, varios bilhetes de seu punho, pelos quaes se verifica que o poeta tratava de femineas.

A 20 de Agosto de 1787 pedia «seis varas de fita da branca e seis da branca e azul».

A 7 de Outubro do mesmo anno «seis varas da fita mais viva e tres da outra».

Em outra occasião instava com o Capitão Antonio Ferreira para lhe mandar objectos de armarinho.

O sr. capitão Antonio Ferreira que me mande oito covados de ruio preto, tres covados de tafelê, tres oitavas de retroz uma meada de linhas, meia vara de br-anho, duas covados e quarto de hollandã crua, uma oitava de retroz branco».

Gonzaga pareceo haver sido pagador pontual, a julgar pelo seguinte recibo, depositado no archivo do Instituto Historico, na lata 116, sob n. 2035:

Por este por mim feito declaro que devo ao sr. Custodio José Ferreira a quantia de hum conto quinhentos e quarenta e nove e seiscentos réis, que o ditto senhor me emprestou para o

SONETO

Ao Affonso Lusio

Ah! que tenho soffrido nesta vida! Vejo, dando um balanço no passado, Que tenho sido mal recompensado, No terrivel labor da minha vida.

Creínos ha incapazes de recado, Que me não podem ver em igual partida; Mais felizes do que eu—alma perdida— Que nunca pude amar, nem ser amado.

Quanta tristeza da alma guardo em mim! Meus Paes pouco duraram neste mundo, Nada souberam desta amarga sorte

Que me leva a gemer amargo fim: Viver sem o lar do Amor, mórno e fecundo, Para cedo dormir no lar da Morte.

Baurélio Mangabeira.

meu transporte para Villa Rica, a cujo pagamento obrigo a minha pessoa e bens L.º, 6 de de Maio de 1789.—Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga.

A 23 de Agosto de 1785, o credor Ferreira dava-lhe quitação, paga a terceira e ultima prestação.

Foi esse conto e quinhentos que o trouxe a Villa Rica, onde acabou devastando armarios e preocupando-se com vestes de casamento.

Não foi mistér augmentar o seu enxoval masculino. Tinha fatura de trajes. Prova-o a Bibliotheca Nacional, no volume das devassas no Rio e em Minas em 1789.

Nos sequestros dos bens de Gonzaga e Claudio, abundam os vestidos da época, entre os quaes as casacas e calções de seda de cor de bicho da côvo, as vestes, casacas e calções cor de flôr de pepegueiro, os vestidos inteiros de droguete verde pariquito.

Quando embrulharam Gonzaga na Inconfidencia, elle estava despachado para a Relação da Bahia. A bêca aguardava a estola do Padre. Casado com Marilia, apachorror-se-hia nos assentos do tribunal baiano, em vida calma, entre a lei e o lar, entre os homens e a mulher, á sarga de Themis e de Cupido.

Prenderam-no, porém, como trahidor ás instituições do Reirno. Remetteram-no para o Rio, onde o detiveram na ilha das Cobras.

Mudaram-se os tempos e já o poeta não podia fazer o que diz nas suas lyricas, ficar em casa remexendo na papelada no silencio da noite, acamurada em estrellas.

Numa noite socogado Velhos papeis revolvia, E por ver de quem tratavam Um por um a todos lia.

Erã copias emendadas De quantos versos melhoras Eu compuz na tenra idade A meus diversos amores

Emquanto o noivo era processado e julgado, Marilia morrava em Ouro Preto. Condemnaram-no. Tel-o-hiam condemnado hoje, mutatis mutandis.

Levou-me emfim a senieça Pela desgraça firmada; Adeus, Marilia adorada, Vil desterro vou soffrir. Ausente de ti, Marilia Que farei? Irei morrer...

Gonzaga protestou contra o seu pretenso papel na conjura inconfidente. Disse-o aos seus Juizes e á juiza de seu amor

E' certo, minha amada, sim, é certo Que eu aspirava a ser de um sceptro dono; Mas este grande imperio que eu firmava, Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunham não baltam Da grossa peça e do mosquito os tiros; Se eram minhas armas os espelhos, Os rogos, e os suspiros...

A alçada não tinha nada com isso. Batia da grossa sentença e da pena os tiros. Condemnou Gonzaga a degredo perpetuo, para as Pedras d'Angoche, degredo transferido pela Rainha para dez annos de Moçambique.

A 23 de Maio de 1792 partio. Foi a bordo do Nossa Senhora

ra da Conceição, Princesa de Portugal, nome quasi maior que o barco, aeode Varnhagen com tanta maior graça quanto elle rio poucas vezes nos escriptos.

Dirceu apartou-se de Marilia. Em Moçambique quiz advogar. Não foi adiante. Doia-lhe a cabeça, sentia nella calor extranho. Deixou de trazer chapéo. Que bello neuraethenico! observário. Adeocou, gravemente, enloqueceu gravemente, casou-se gravemente, por ser isano.

Marilia permaneceu em Minas, docil ás obediencias do tempo, carrasco-mór de saudades. Foi esquecendo, manso e manso. A lagrima em raros, sobretudo em amor, é ou pode ser o panem nostrum quotidianum. Muitos vivem de rir e para rir, rarissimos para chorar, e ninguem de chorar por abolidas as carpidieiras.

Para poder depositar, em Africa, Dona Juliana Mascarenhas, provavelmente já em liquidação forçada cerebral, Gonzaga declarou não haver jámais dado promessa de casamento a mulher alguma! A verdade esbofeteara o amor!

Olivaram-se. Não é reprehensivel por humano. A consistencia, como excepção, confirma a regra.

De accordo com o testemunho de uma sobrinha de Marilia, esta, após a Inconfidencia, nunca mais se referio ao nome do poeta. Alludindo ao ex-noivo, dizia invariavelmente elle.

E' antecipaçao brasileiro do famoso Elle et Lui, promones a que ficaram reduzidos os amores famosos e manchados de escandaloso de George Sand e de Musset.

Gonzaga deixou o cadaver e os ossos na terra de Moçambique. Marilia morreu em Ouro Preto, num leito não ha muito exposto a intimos na casa de alto magistrado no Rio de Janeiro, o Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, Viriato Bandeira Duarte.

Marilia e Dirceu continuaria a ter admiradores e detractores, seduzidos uns pelo encanto, pelo perfume do nosso unico idyllio celebre, indignados outros diante da frieza reciproca dos amantes quando a ausencia, a desdita, o exilio mais lhes devera afervorar a amizade.

Não os culpem. Amaram-se sem conhecer a dor satanica de aborrecer o que se amou, e para a ferocidade egoistica do nosso interesse romantico felizmente foram desgraçados.

Escregnolle Doria.

Aviso. De accordo com a portaria do dr. director da Imprensa Official, do dia 16 do corrente, nenhuma publicação, serã acceita para «Secção Livre» desta folha sem o pagamento adeantado; do que faz-se este aviso para melhor conhecimento dos interessados.

A "furlana"

A questão do tango continúa na ordem do dia. Já sabemos talvez que um professor desta dança tentou um processo a Monsenhor Amette, arcebispo de Paris, sob o pretexto de que este, recomendando aos fieis que se abstivessem de dançar essa dança peccaminosa, lhe fizera perder quasi todos os seus discipulos. Veremos como os tribunaes julgam esta extravagante demanda.

O barulho que as discussões sobre o tango têm feito no mundo chegou aos ouvidos do Papa e o correspondente do Temps em Roma refere a esse respeito uma historia engrandecida.

Como o arcebispo de Paris, o cardeal vigário prohibio o tango Roma.

Mas este encontrou defensores dentro do proprio Vaticano, na pessoa de algum dignitario da corte pontificia, que affirmava não ser o tango, — pelo menos o tango que se dança nas salas — mais immoral do que a polka, a mazurka e sobretudo a valsa ou o brion, que a Igreja tolera em toda a parte.

Pio X ficou impressionado com esta informação e quiz tirar o isso a limpo. Se acreditarmos M. Jean Carrere, mandou chamar ao Vaticano dous jovens pertencentes á mais antiga aristocracia pontificia e pediu-lhes que lhe dessem uma pequena representação privada da tão discutida dança.

Os dous jovens o Príncipe A. M. e sua prima, sorprendidos e commovidos, esboçaram diante do Pontífice os movimentos comprehendidos da dança da moda, cu peio menosda que estava em moda ainda hontem.

O Papa olhava com estupefação para o joven par, cuja testa enrugada, cujos labios contrahidos e cujos gestos attestavam a applicação mais rigorosa do espirito.

— Então isso é que o tango, pergantou Pio X.

— E, sim, Santidade, responderam os dançadores.

— Pois, meus filhos, não me parece que possam achar muito divertido semelhante dança.

E Pio X manifestou a mais ironica commiseración por esses infelizes membros da alta sociedade que se lhes impuzesse o tango como penitencia, si julgariam tratados com severidade extrema.

Levantou, como é sabido, a interdição do tango, exigindo todavia que se lhe mudasse o nome que, em todo este negocio, é a unica inconveniencia (?)

Mas antes de despedir os dous jovens, ainda muito perturbados com a ironia pontifical, o Papa disse-lhes com benevolencia:

— Compreendo que gostem de dançar. E' proprio da sua idade. Mas em vez de adoptar essas ridiculas contorsões barbaras de Negros ou de Indios, por que não preferem essa enantadora dança de Veneza que eu vi muitas vezes dançar na minha mocidade e que é tão elegante, tão clara e tanto da nossa raça: a furlana.

— A furlana? exclamaram os dous jovens adeptos do tango.

— O que? Pois não conhecem a furlana?

Nesta altura do sua narrativa, M. Jean Carrere, que é aliás um homem sério, pretende que Sua Santidade fez um movimento para se levantar, como se se dispuzesse a revelar elle proprio as harmoniosas evoluções da dança que lhe era tão sympathica; mas logo se conteve e, dando ordens para que mandassem chamar um dos famulos venezianos, disse-lhe que explicasse aos dous jovens patriotas as linhas geraes da furlana.

O Príncipe M. e sua prima não tarlaram em aprender o que lhes era ensinado e, quando sahiram do Vaticano, o seu primeiro cuidado foi ir contar no colégio de Roma o que se passara e fallar na dança nova, cujos segredos o Papa lhes fi-

zera revelar e em que elles proprios iniciaram alguns dos seus amigos.

A furlana é realmente, ao que parece, uma das mais lindas danças que se pode imaginar. Põe-se dançada em grupos ou por pares isolados, as suas evoluções são extremamente harmoniosas; o dançador, pegando nas mãos do seu par, ergue-as no ar e fal-as girar em volta de si como no maxixe. A musica ora é saltitante, ora é lenta. Era em Veneza uma dança popular que a aristocracia adoptava nos seus palacios, nos dias de grande festa. Nascida nos bairros plebeus da cidade dos doges, subiu a pouco e pouco até o palacio dos proprios doges tornou-se verdadeira dança nacional do paiz de que Pio X foi patriarcha.

Sob um tão alto patrocínio, a furlana está votada a altos e rapidos destinos. Em Roma não se falla actualmente senão na furlana, e os chás tangos das cinco as sete començar a ser substituidos por chás-furlanas. De R. a furlana irradiará por todo o orbe catholico elegante, se Paris a adoptar como é possível e provavel — porque sem a sanção de Paris não ha exito verdadeiramente universal.

Pelo exterior

FRANÇA — Continua a preoccupar a attenção geral o homicidio do jornalista Calmette, director que foi do «Figaro».

Grande parte da imprensa se manifesta a favor do confrade extinto, apontando a Mm. Caillaux como uma criminosa vulgar e terrivel.

Aliás, o sentir publico é contrario a esse modo de ver, crescendo as sympathias em torno da pessoa da autora do delicto.

Hontem, os camelots promoveram estrondosas manifestações contra o sr. Caillaux e sua esposa.

A policia os dispersou, em vista de ser claramente sedicioso o movimento a que estavam fomentando.

No interrogatorio a que foi submettida, Mm. Caillaux declarou não desejar a morte do director do «Figaro».

Apenas pretendia dar-lhe uma lição, pois que Calmette estava infamando a honra e a dignidade de seu esposo, premeditando ainda alongar affrontosamente essa tarefa ingrata e criminosa.

A propria vida particular da deopente e seu marido estava ameaçada, porque aquelle jornal já annunciara a publicação de cartas trocadas entre ambos, escriptas ao tempo em que eram apenas noivos e que, posteriormente, lhes haviam sido surpiadas.

As declarações de Mme. Caillaux causaram aqui funda sensação, cercando-a de respeito e admiração.

Genio, Loucura, Epilepsia e Eugenetica

II Transpondo os limites do mundo anglosaxonico, o autor do artigo da Contemporary Review recorda Torquato Tasso e Jean Jacques Rousseau.

Tasso esteve indubitavelmente doido uma boa parte da sua vida. Seu pai, Bernardo, era homem de alta intelligencia, de grande sensibilidade emotiva, e de caracter fraco. No seu conjunto, de temperamento to levemente nervoso. E não se conhece nenhum caso de loucura entre os seus parentes proximos.

A mãe de Torquato, Porzia, é nos descripta pelos biographos como uma creatura de perfeição angelica. Nenhum indício tambem de loucura nalt; apenas um pouco de exagerada sensibilidade e alguma tendencia á melancolia.

Na sua familia, parece, tinha havido um certo numero de individuos anormaes, crueis, avaros, alguns quasi criminosos.

Quanto a Rousseau, ninguém pôde duvidar de que, em certos momentos de sua vida, e talvez durante um periodo consideravel da mesma, elle estava doido no verdadeiro sentido da palavra.

Seu pai, Isaac, pertencia a uma boa familia, na qual não havia casos de loucura ou de criminalidade. Isaac era, porém, inconstante e colérico, e não era nolle muito forte o sentimento do dever.

A mãe de Rousseau era muito alegre e muito apaixonada por divertimentos, pelo que foi muito criticada no meio pacifico de Genebra; mas era muito religiosa e honestissima.

Portanto, em ambos os conjuges, o mais que se pôde notar é uma certa instabilidade nervosa. Os mais severos eugeneticos teriam permitido o casamento dos futuros pais de Rousseau com os futuros pais de Torquato Tasso.

Passemos ás doencas nervosas graves como pela epilepsia, que Lombroso e outros scientistas consideravam como a doença caracteristica dos homens de genio.

Na biographia dos 139 Ingleses illustres, estudados por Havelock Ellis, não se encontra um só caso de epilepsia.

Lombroso e os seus discipulos citam entre os homens de genio epilepticos, Julio Cesar, Mahomet S. Paulo, Richelieu, Mozart, Handel, Schiller, Napoleão, Flaubert.

Com respeito a Julio Cesar, existe a affirmação de Suetonio, que diz que Julio Cesar soffreu de ataques epilepticos nos ultimos annos de sua vida; mas este testemunho, observa Ellis, tende a documentar, que não se tratava de epilepsia verdadeira, a qual se manifesta durante a juventude.

Pelo que respeita a Mahomet, as autoridades mais competentes inclinam-se a crer que os ataques convulsivos attribuidos ao propheta foram por elle simulado, a fim de fazer acreditar que a sua doutrina lhe era inspirada por Deus.

O caso succedido a S. Paulo na estrada de Damasco não basta a servir de base a uma diagnose medica.

A pretendida epilepsia de Richelieu, Mozart, Handel e Schiller não se acha demonstrada por documento algum fidedigno.

Mais attendíveis são os argumentos relativos a Napoleão. No caracter de Corso encontram-se varias caracteristicas que parecem consiliar-se com o temperamento epileptico. Talleyrand refere que certo dia, depois de um jantar, Napoleão o tomava por um braço, o arrastava até o seu proprio quarto e lhe ordenava que fechasse a porta: em seguida ao que accommetteu um accesso convulsivo. Mas Bourrienne, que era secretario particular de Napoleão, nunca presenciou nada de analogo.

Quanto a Flaubert, o seu biographo Maxima de Camp pretende que elle soffia de «accessos»: mas sabemos tambem que nunca occorreram em publico; que Flaubert sentia aproximarse a crise; que não perdia os sentidos; que as suas faculdades intellectuaes e moraes se mantiveram intactas até a morte; que tudo isto exclue a hypothese de uma epilepsia ou doença congenere.

O unico homem de genio de quem sabemos com certeza que foi epileptico é Dostoiévski. Começou a soffrer da terrivel doença muito novo e continuou durante toda a vida estar sujeito aos seus ataques. Nos ultimos annos de sua existencia manifestou indícios indicativos de decadencia intellectual.

Em conclusão, quem examina despaixonadamente os factos, reconhece que elles não corroboram a affirmação de que o genio desce de sempre, ou pelo menos muitas vezes, de

ascendencias cividas de loucura ou degenerescencia.

Não ha, pois, razão séria para crer que a applicação da eugenetica possa impedir o desenvolvimento do genio. O que ella pôde é suspender a perpetuação das estirpes gravemente degeneradas — o que seria um beneficio incontestavel para a humanidade. (Ext.)

Jurisprudencia

SUMMARIO

Crime casual, seus elementos: não havendo culpa, ou dolo, o facto é fortuito, devendo ao actor, não sendo, portanto, criminoso o réo ex vi do art 27, § 6º do Cod. Penal.

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE AMARANTE — ESTADO DO PIAUHY.

IMPRONUNCIA

Vistos, et cetera. Aceita a denuncia de fls. 2 e v., seguiram-se os demais termos da formação da culpa, depondo cinco testemunhas, á revelia do réo, que não compareceu, e com assistencia do Promotor publico ad hoc nomeado.

Das depoimentos das testemunhas do presente summario, se evidencia:

I. Que, no dia 1 de outubro do anno passado, sahira de casa, no lugar «Inhuma», o arieto judiciario de Regene ação, desta comarca, o menor João da Silva Barreto, em companhia de Martinho de tal, tambem menor, e filho de Luiz Bibiano, com o intuito de cortar umas varas ou talos de taboça;

II. Que, de volta, em caminho, vindo adiante Martinho, com uma espiçaria ao hombro, e logo após João Barreto, com a canna no braço e conduzindo a face de Martinho, chama João Barreto a este para lhe entregar a dita face;

III. Que, a este chamado, virando-se Martinho, para receber a face, a espingarda que trazia ao hombro e que carregada estava, embarçando-se nas canas do caminho, dispara, indo toda a carga empregar-se, á queima roupa, em João Barreto, prostrando-o por terra banhado em sangue, com profunda lesão corporal na região thoráxica anterior, abaixo do peito esquerdo;

IV. Que, dada a noticia do occorrido, foram ao lugar indicado, diversas pessoas, dahi conduzindo em uma réde o offendido á casa dos seus paes;

V. Que, pela madrugada do dia seguinte, veio o piciente a fallecer em consequencia do tiro recebido, tendo declarado, antes de morrer, a seus paes na presença das visitas, que nada firmossem contra Martinho, que o facto tinha sido casual; accrescentando as testemunhas que os dois alludidos menores andavam sóz, de sorte que não tinha havido testemunha ocular do facto: ellas depozeram, portanto, todas de ouvida alheia quanto ao tiro recebido pelo paciente; tendo, entretanto, examinado o cadaver deste, constatando a lesão corporal produzida pela carga da espingarda.

— Não foi procedido exame de corpo de delicto no cadaver do offendido, por não ter elle sido apresentado á Delegacia de Policia respectiva, e só ter o conhecimento esta do facto, a 10 do dito mez de outubro, como se verifica da portaria a fl. 4.

— O Dr. Promotor publico o pina, na respectiva promoção, pela pronuncia da réo em o art. 297 do Cod. Penal. O que foi visto e bem examinado.

Considerando que, dos depoimentos das testemunhas do presente summario, nenhuma prova se colheu de ter havido proposito da parte do réo no tiro recebido pelo seu inditoes companheiro, que, antes de morrer, isso mesmo declara a seus paes, na presença dos que o visitaram, não deixando, portanto transpa-

recer resentimento algum contra o réo, por aquelle facto, por aquella lesão corporal, que em breve, e meocumbria; assim; Considerando que o tiro recebido pelo offendido, foi realmente casual, consoante aos mesmos depoimentos das testemunhas, resultante do facto de se ter embarçado, nas ramas do caminho, a espingarda que o réo conduzia, e disparando, ao voltar-se este, ao chamado do paciente, para receber a sua face, delle réo, que ia adiante, vindo logo após o offendido; Considerando que o Cod. Penal, art. 27, § 6º, dispõe que não são criminosos os que commetteram o crime casual, sem exercicio ou pratica de qualquer acto licito com attenção ordinaria;

Considerando que para ser casual o crime, preciso é que concorram os dois elementos do cit. § 6º; havendo na sua ausencia, — culpa ou dolo, assim;

Considerando que não havendo culpa ou dolo, o facto é fortuito, devido ao acaso; Considerando que o réo estava no exercicio de um acto licito, qual o de acaçar ou conduzir arna, para isso, nos matos por onde andava com o companheiro; fazia-o com attenção ordinaria, pois voltava com o companheiro rumo de casa; correspondendo ao chamado do inditoes João Barreto, que lhe queria entregar a face, fel o ainda com attenção ordinaria, não revelou imprudencia, ou negligencia, nem intenção criminosa nesse acto; de embarcar-se nessa occasião, nas ramas do caminho a espingarda que o réo conduzia ao hombro, desparando e empregar-se o tiro em João Barreto, não se deduz absolutamente culpa, nem dolo da parte do réo; foi um facto todo fortuito, casual; nestas condições:

Julgo impronuncie a denuncia de fls. 2 e v. e recorro desta minha decisão, na forma da legislação estadual, para o Egrégio Tribunal de Justiça do Estado, a quem se remittorio os autos pelo correio sob registro.

Tenho o presente por publicado em mão do Escrivão que o intimará ao dr. Promotor publico da comarca, fazendo, em seguida, a remessa supra ordenada.

Amarante, 21 de março de 1914.

Augusto Ewerton e Silva. (Juiz de Direito.)

Varias Noticias

Corpo Militar de Policia. — Foi reformado o 3º sargento Moyses Estevam de Mello com 25 annos do serviço.

— Foi expulso por se ter moralmente incapaz de se incorporar com seus camaradas, o soldado Adelino José da Silva.

— Chegaram para o corpo, por conta do respectivo cofre, dois clarins de cavallaria, tres cornetas modelo Guarany e um pistão da orchestra systema allemão.

— As officinas de correio prepararam 160 cartucheiras de novo modelo, correndo a aquisição de toda a materia prima por conta do cofre.

— Já está em vigor para os officiaes o novo uniforme, cujo decreto será publicado oportunamente no Diario do Piahy. Para as praças será inaugurado a 24 de maio proximo.

— O 1º tenente João Victorino, commandante do destacamento de Campes Major, apprehendeu a fez resolver a arrecadação duas pistolas Browning.

— O dr. Antonio Luiz de Arêa Leão assumiu, na dia 3, as suas funcções de medico.

— Será instalada, no dia 21 do corrente, a caixa beneficente militar.

— Terminará, a 20 de maio proximo, o contracto com os sca. Vicente Salles e Comp. para fornecimentos ao corpo.

— A Inspectoria Agricola de Agrecoo ao corpo dose meios de

cepim gordura, para plantio na lavourada das Ilhotas.

O cofre do corpo adqueriu um cofre do ferro a uma machina de cortar capim.

O cirurgião dentista João Climaco da Silveira Filho teve a gentileza de offerecer aos offi- cionaes e praças, os seus servi- ços profissionais.

Foram encaçados por mais dois annos, na forma da lei, o contra-mestre da musica e os soldados Raymundo José de Sousa, Antonio Firmino Ele- gante, José Doceleiano Lima e Quintino Teixeira de Souza, que concluíram o tempo que se obrigaram a servir e declaram quequerem continuar.

Foram abitados por dois annos, as ex praças do exercito João Carneiro de Brito e Manoel Bozerra de Barros.

Serviço para o dia 5 (domingo). Rondar a caunhão o sr capitão Cesar Oliveira.

Estado maior o Sargento ajudante Nogueira.

Dia ao corpo o Sargento Manoel Lima.

Guarda do palacio o Sargento Jo- nis, cabo Joaquim Rocha e corneta José da Costa.

Guarda da cadeia o Sargento Taqueto, cabo Marco Pereira e corneta Honorio.

Guarda da delegacia, cabo Manoel Dionysio.

Guarda do quartel, cabo José Jor- tonismo.

Patrulha cabo Pedro Borges, Piquete corneta Francisco Silva, Uniforme 2º.

Notas policiaes - Patrulha Patrulhara a cidade e o mer- cada publico, hoje, (domingo) o subdelegado de policia da 2ª districto, sr. Joaquim Antonio de Moraes, e o theatro o do 5º districto sr. Laurindo José Vel- luso.

Amanhã, 2ª feira, a cidade e o mercado publico serão pa- trulhados pelo subdelegado do 3º districto sr. Manoel Francis- co Monteiro, e o theatro, o do 6º districto, sr. Basilio da Ro- cha Cabral.

Prisão correccional - Foi preso correccionalmente por ordem do subdelegado Manoel das Cha- gas Leitão, do 1º districto, o menino Avelino Alves da Silva, por catunagem.

Inquirição. - A sr. d. Maria das Flores Monteiro queixou-se hontem nesta secretaria, contra seu marido Lourenço José de Queiroz, que, em a noite ante- rior, a esbordara com uma ta- buca, fazendo-lhe contusões e ferimentos, que, em exame de corpo de delicto, procedido nesta secretaria, pelos medicos legistas, ficaram perfeitamente constatados. Lavrou-se antes de perguntas a offendida e ao acusa- do, que confessou o delicto, dizendo apenas, para justificar- se, que assim procedera porque sua mulher é muito oporosa. Amanhã serão ouvidas diver- sas testemunhas sobre o caso, que de forma alguma, envolve questões de honra.

Correios Esta repartição expede malas, hoje, ás 9 da ma- nhã, pelo Marquez de Parana- gna, para Paranaíba e ossegala e amanhã, por estafeta pedes- tre, para Campo-maior, Peripary e Pedro II, ás 2 da tarde.

Foi prohibida, a entrada, por via postal, do café robusto, que contem um parasita, deno- minado Hombia Vastatrix. Taxa cambial: franco 8009; metro 8732; peso-ouro 38077.

Telegrapho Nacional - Serviço ao sul da Bahia, soffre 6 horas de demora.

Telegrammas retidos: Felix Siwak Constantino Lemos, Sim- plício Mello Leão, H-tel Mur- ras, Chrysostomo.

ENCERRAMENTO DE MATRICULA - A 31 de março ultimo encerra- se a matricula dos alumnos da Es- cola de Aprendizices Artifices, espe- cializando-se nestes em tres officinas de ferro-56 e na marcenaria- 84. Alem do ensino destes offi- cios e do de primeiras letras e de- senho, que são obrigatorios, tambem ali se está ensinando uma modesta banda de musica, a expensas de al- guns empregados e de alguns favo- res do publico, cujo aproveitamento pelos alumnos já é bem honzoso.

Está correndo com toda a regularidade o servico de appu- ricção do pleito presidencial. Até hontem, tinham sido appu- ricados os trabalhos do vinte municipios, sommando o seguin- te resultado:

PARA PRESIDENTE Dr. Wenceslao Braz 6968 votos; senador "y Barbosa 451 votos.

PARA VICE PRESIDENTE Senador Urbano Santos 6966 votos; Senador A. Ellis 447 votos.

CINEMA GUARANY.—Um pro- gramma excellento organiou para sua seccão de hoje, este apreciado ci- nema, do qual faz parte de essencia uma magica fita, denominada A Lullaby em 2 longos actos, cheios de scenas arrebatadoras que prendem o expectador do principio ao fim. Este esplendido drama, que dize de ser levado hontem, por motivo superior, é desempenhado pelos melhores artistas da cabecida fabrica italiana Savoia—autora do celebre film—la hoc signo vincis. Haverá matinee ás 2 horas da tar- de, dedicado ao mundo infantil, sen- do exhibidas 5 interessantes fitas, destacando-se a mais colorida tira- da do natural p- a casa Patry, intitu- tada A fabricação do leite conden- sado.

Amanhã: Será exhibido outro film de extra- ordinario valor artistico, cujo titulo é Os effeitos do jogo.

É um empolgante drama da vida real interpretado pelo grande artista italiano sr. Capozzi, que se trabalha no appudissimo film—Qual das divas.

Tratando-se de uma fita desta na- tureza, é de se esperar uma casa á cubra.

Já foi recolhido ao cofre es- tadoal, a multa de 108000 im- posta a um carroceiro que, por desdenho, deixou a sua carroça ir de encontro a um poste da luz electrica, partindo o globo.

Vindo da capital maranhense e de passagem para a cidade do Brejo, onde reside e para onde embarcará hoje, o sr. coronel João Evangelista de Carvalho Sorrinho, influencia politica na- quella localidade.

Pede-se a quem houver encon- trado uma pulseira de ouro, em forma de corrente, perdida ante- hontem, á tarde, no trajecto da processão dos Passos, o ob- sequio de entrega-la na casa n.º 61, á rua da Gloria, onde será gratificado.

Da União chegou hontem o illustre clinico dr. Benjamin de Moura Baptista, a quem sauda- mos.

MOVIMENTO SOCIAL

ANNIVERSARIOS Anniversariase, hoje, o ex- cel- lissimo Marquẽ Burlamaqui, collecta filha do coronel Fontenelle Burlamaqui e um dos mais apreciados ornamentos do obli- to sexo Theresinense.

GOVERNO DO ESTADO SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA DA POLICIA

Expedienti do dia 4 de abril de 1914

Officios (lo secretario).— Ao sr. comel secretario de es- tado da Fazenda, remetendo, para os devidos fins, uma pe- tição, devidamente despacha- da, do sr. Pedro Teixeira, re- querendo o pagamento da quantia de rs. 170800, a que eu direito como regente da orchestra de instrumentos de corda do corpo militar de po- licia, e referente ao mez de março ultimo.

Ao mesmo sr. secretario da fazenda, pedindo para en- tregar ao administrador da casa de detenção desta capi- tal, sr. Decolecio de Sant'An- na Carvalho, a quantia de rs. 2895520, conforme a folha-jur- ta de diarias vencidas no pe- riodo de 21 a 31 do mez de março proximo passado, pelos

94 presos de justiça ali reco- lhidos.

Ao sr. major Raimundo Mendes Burlamaqui, responden- do o seu officio de 1.º do cor- rente mez, enviando-lhe as in- formações que, sobre a materia do mesmo officio, prestou o sr. subdelegado de policia do 5.º districto, Laurindo José Vel- luso.

SECRETARIA DA FAZENDA

Expediente.—Sessão do con- celho de fazenda, de 25 de março deste anno. Reclama- ções de José de Moura Rolins, Ady Miguel Miracod, José Fausti- no da Silva, Manoel Taburcio Ribeiro, Jubam Haba, Jeremias de A. Leão, Manoel Alves da Costa, José Marques dos Santos, Basilio Carvalho, Ma- noel Velloso & Irmão, Saba- tião Gonçalves Pereira, Lucio da Paixão Bezerra, José da Silva Leitão, d. Maria Guilher- mina Bolfort, Innocencio Perei- ra da Silva, Raimundo Alves Peserra e José Manoel de Sou- za—contra os impostos de di- sumos, prefall e industria e profissão lançados pela meza de rendas desta capital. (Des- dacho) Indeferidas.

Reclamações de José Ribe- iro Soares e Melchades Ferraz, contra os lançamentos de qui- tanda e agardente a retalho (Despacho). Reduza-se de 20% para 10% a importancia do im- posto de quitanda a pagar cada um dos reclamantes, man- tendo-se o lançamento relativo a agardente.

Reclamação de Horacio Gi- ardimi, contra o imposto de in- dustria e profissão. (Despacho). Reduza-se de 40% para 20% a importancia do imposto a pa- gar pelo reclamante.

Reclamação de Manoel Ro- drigues de Oliveira, (Despa- cho) Deferido.

EDITAES

O coronel Raimundo Antonio- de Farias, presidente do con- selho municipal desta capi- tal &

Faz saber aos que o presen- te edital virena, especialmente ao eleitorado deste municipio, que tendo sido designado o dia 25 do corrente mez para ter lugar a eleição para dois de- putados á Camara Legislativa do Estado, nas vagas abertas com as renuncias dos deputa- dos Constancio de Carvalho e Souza e dr. Aurelio de Moraes Britto, convia dito eleitorado a dar o seu voto no referido dia, ás 9 horas da manhã, pre- sentes ás competentes mesas nas respectivas seções, abaixo de- nominadas, devendo cada elei- tor votar em dois nomes inclui- dos em uma só esdula. E para que chegue ao conhecimento de todos será este publicado pela Imprensa Official e affixado no lugar do costume. Er, Joaquim Ferreira Castello Branco, se- cratario do conselho o escravi. Secretaria do Conselho Muni- cipal de Theresina, 5 de abril de 1914.—Raimundo Antonio de Farias.

1.ª seccão Funcionará no edificio da Camara Legislativa do Estado, no salão das seções, onde vo- tarão os eleitores de n. 1 Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcante ao de n. 199 Antonio Alves de Carvalho.

2.ª seccão Funcionará no mesmo edifi- cio da Camara Legislativa, no salão da secretaria, onde vo- tarão os eleitores de n. 200 Antonio Lins Alves de Sousa ao de n. 398 Benedicto Alves Pereira.

3.ª seccão Funcionará no edificio da municipalidade, salão da Inten- dencia, onde votarão os eleito- res de n. 399 Bento Banteira de Mello ao de n. 597 Eneas Clementino de Oliveira.

4.ª seccão Funcionará no mesmo edifi- cio da municipalidade, salão da conselho, onde votarão os eleito- res de n.º 598 Euridas Men- des de Carvalho ao de n.º 796 Gonçalo de Castro Cavalcante.

5.ª seccão Funcionará no Lyon Piau- hyense, onde votarão os eleitores de n.º 797 Gonçalo Celestino de Barros, ao de n.º 995 Justino de Castro Lima.

6.ª seccão Funcionará na repartição de obras publicas, onde votarão os eleitores de n.º 996 João Cor- reia Monteiro ao de n.º 1194 José Antonio de Moraes.

7.ª seccão Funcionará no tribunal de contas, onde votarão os eleito- res de n.º 1195 João Nery de Moraes ao de n.º 1393 José Luiz de Freitas.

8.ª seccão Funcionará na directoria de saude publica, onde votarão os eleitores de n.º 1394 João Luiz de Menezes ao de n.º 1592 Mar- tinah o Francisco de Almeida.

9.ª seccão Funcionará na secretaria da policia, onde votarão os eleito- res de n.º 1593 Miguel Borges Castello Branco ao de n.º 1791 Paulino Pinto de Freitas.

10.ª seccão Funcionará no edificio do For- um, salão do tribunal do jury, onde votarão os eleitores de n.º 1792 Pedro José Nunes Primo, ao de n.º 1990 Raimundo José Tavares.

11.ª seccão Funcionará no mesmo edifi- cio do Forum, salão do tribunal de justiça, onde votarão os elei- tores de n.º 1991 Raimundo Ri- beiro de Mello, ao de n.º 2188 Wladimir do Rego Abreu.

Designação dos mesarios

1.ª seccão Membros effectivos Arthur de Souza Rubim Artindo Correia Lima Affonso Ribeiro de Albuquerque Antonio Chaves Arthur Freire

Supplentes Arthur Candido de Souza Rêgo Alvaro Godofrado Alves dos Reis Arthur Ribeiro Antonio de Mello Pereira Bastos Antonio Joaquim de Lima e Almeida

2.ª seccão Membros effectivos Antonio Augusto de Castro Velloso Antonio Monteiro da Cunha Alvaro Freire Antonio Piauhyllino de Hollan- da Campos

Supplentes Benedicto Francisco Ribeiro, Augusto de Castro Velloso Alfredo da Cunha Machado Angelo Pacheco Benedicto de Moura Santos Adão de Medeiros Soares.

3.ª seccão Membros effectivos Clodoveu de Moura Santos Coriolano de Castro Lima Domingos Monteiro Daniel Paz Edmundo Genuino de Oliveira.

Supplentes Claro de Souza Hollamda Custodio Ribeiro Reverdosa Belisario José Nunes Bonna Camillo Pereira de Araujo Joaquim Virgilio dos Santos

4.ª seccão Membros effectivos Francisco Portalla Parentes Francisco Marques Francisco de Mello Bastos João da Cruz Monteiro José Gabriel da Costa

Supplentes Alvaro Gentil Mendes Firmino Barbosa Monteiro José Lopes de Caldas Antonio Saliano de Souza Christino da Silva Santos

5.ª seccão Membros effectivos João Augusto Rosa José de Castro Lima José Rosendo de Souza Justino Barbosa de Carvalho Joaquim Ferreira Castello Branco

Supplentes João Pinheiro Joel Genuino de Oliveira Honorio de Paiva Dias

Honorato José de Souza Paulino Pinto de Freitas

6.ª seccão Membros effectivos Jonathas Baptista Josino José Ferreira José Joaquim de Moraes A- vellino

Supplentes José Leonillo Guedes João do Rego Monteiro Scabri- nho

Supplentes José Olympio do Monte Juvenal Monteiro de Siqueira José Teixeira Filho João Soares do Nascimento Achilles da Silva Monteiro

7.ª seccão Membros effectivos José Cabral Arnard Lauro Castello Branco Luiz Manoel Soares Laurindo Campello de Senna Rosa Luiz de Menezes Forte

Supplentes Leopoldino Antonio do Rego Luiz de Lobão Catanhedes José Lopes de Caldas José Saraiva de Siqueira Joaquim Guedes de Vasconcellos

8.ª seccão Membros effectivos Moyses Ferreira Castello Branco Manoel Raymundo da Paz Nilo de Moraes Britto Manoel Fernandes de Oliveira Benjamin do Rego Monteiro Fi- lho

Supplentes Luiz Chaves Manoel Moreira Leão Americo Vespuccio de Moura Miguel de Araujo Bôa-vista Irineu Alves de Carvalho

9.ª seccão Membros effectivos Pedro Melchades de Moraes Britto Pedro de Moura Santos Thomaz de Aquino Soares Junior Raimundo Lopes Castello Branco Manoel Tavernard

Supplentes Eudoxio da Costa Neves Prudente de Medeiros Carvalho Paulillo Castello Branco Rodrigo da Cunha Castello Branco

10.ª seccão Membros effectivos Raimundo de Oliveira Lopes Neves Raimundo Antonio de Farias Raimundo Zito Baptista Santido da Silva Monteiro Viriato Rios do Carmo

Supplentes Vicente Ferreira Salles Raimundo Norberto Filho Raimundo Elias de Souza Virgilio Soares Firmo Borges da Silva

11.ª seccão Membros effectivos Alfredo Gentil de Albuquerque Rosa Thersandro Gentil Pedreira Paz Sinalva de Castro e Silva Aarão Portella Parentes Apolinario Monteiro da Cunha

Supplentes Josino da Costa Velloso Justiniano Guedes de Vascoa- cellos Lourenço Saraiva Barbosa Francisco Felix do Monte Ludgero Raulino da Silva

Secretaria do Conselho Muni- cipal de Theresin, 5 de abril de 1914.

Raymundo Antonio de Farias.

DR. DUARTE PIMENTEL Medico e operador

Especialista nos tratamentos e operações da olhos, ouvidos, nariz, garganta e vias urinaes.

Com mais de 28 annos de vi- da clinica, no Brazil e na Eu- ropa, dispõe de instrumentos e apparehos os mais aperfeçoa- dos concernentes aos tratamen- tos das molestias de sua espe- cialidade, dando assim a maior effiçencia e garantia ás suas curas.

Demorar-se-á em Theresina cerca de dois mezes, onde se acha a serviço de sua profissão, e offerece os mesmos ás pessoas que o queiram consultar ou fa- zer qualquer tratamento.

Attende á chamados por es- cripto em sua residencia na rua Paysandú n.º 44, onde tambem dá consultas das 9 ás 10 horas da manhã e 1 ás 3 da tarde. Th. 22 de Março de 1914.